

[A]Dor[A] ou de Quando uma É, no Mínimo, Duas, por Fábio Resende¹

[A]Dor[A], peça teatral da Cia. Provisório – Definitivo, foi apresentada na 5ª Mostra de Teatro Heliópolis - a Periferia em Cena, em 19 de agosto de 2023. A obra toma como tema a história de vida e morte de Maria Auxiliadora Lara Barcellos (1945-1976), ex-integrante da organização Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares). A Cia. Provisório – Definitivo, por meio de narrativa fundamentada em Dora, abre os porões lacrados a sete armas (de representantes das forças de repressão) e revela apontamentos acerca da história de nosso país durante os anos da ditadura civil-militar. De certo modo, a peça apresenta, por meio da trajetória de Dora, como o ontem reconfigura-se no hoje.

Cadeiras espalhadas, três tapumes de madeira, figurinos pendurados em mancebos, uma mesa de onde se opera parte da técnica do espetáculo e projeções que anunciam e mostram títulos das cenas e datas históricas são os elementos que compõem o espaço da encenação. O conjunto de atores e atrizes Ana Tardivo, Flávia Couto, Pedro Guilherme, Thiago Andreuccetti e Sofia Botelho articula os elementos da cenografia apresentando ao público um mosaico de convenções cênicas criadas por um simples acordo entre quem vê e quem mostra, ou quem brinca em criar em cena e quem brinca de ser público e testemunha histórica. A teatralidade evidenciada pelo jogo entre atores e atrizes possibilita à atenção do público uma tomada de posição diante da história de vida apresentada em cena, iniciada no interior de Minas Gerais e terminada, com o suicídio de Dora, na Alemanha de 1976. Essa tomada de posição tem início já no início da peça quando a atriz Sofia Botelho refaz o convite ao público que pode escolher permanecer, e acompanhar a história ou ir embora. Ao permanecer, o público acaba por se caracterizar em cúmplices e testemunhas da obra.

Dora é mostrada pelas três atrizes que se revezam na função de mostrar, narrar e expor o bordado histórico da mulher, que desde criança insiste na afirmação que “Não tem lei nesse mundo que vai impedir o boi de voar”. A gestualidade das palavras cria contornos para prospecções do que poderia ter sido nossa história e, também, evidencia, em alguns momentos, por meio de camadas épico-simbólicas, decisões, posições e manifesta um partido assumido da personagem. É o caso das três atrizes que ao dizerem “- Perdão, senhor Capitão. Eu sou gente!”. “Eu” enunciado por uma voz coral das atrizes que retiram dos próprios corpos um lenço vermelho que marcará, por toda a peça, a figura de Dora, mulher, guerrilheira e vítima de um processo histórico violento, cujas marcas, a levam ao suicídio.

A trajetória exposta pela peça é costurada, também, por expedientes do teatro épico dialético e possibilita ao conjunto de atuação o exercício divertido para materialização de situações cênicas que ajustam a importância da vida privada de Dora à importância da história

¹ Diretor, ator, dramaturgo e professor de teatro. Mestre e doutorando em Artes Cênicas UNESP. É integrante fundador da Brava Companhia de Teatro.

que fundamenta sua trajetória. Tais expedientes são encontrados no jogo para criação das convenções, nas músicas que sustentam e potencializam a narrativa e satirizam situações de ordem privada, como os romances vividos pela personagem título. Apesar de a peça apresentar a história de uma vida, não faz da obra um drama. Os processos históricos que determinaram a trajetória de Dora coligem processos truculentos, da organização familiar e patriarcal na qual o pai cumpre seu papel de embotador das possibilidades de a personagem assumir o que quer (e necessita) à truculência do Estado. Tais apontamentos representam a vida em sociedade acima da vida privada. Dora é movida pelas determinações históricas apresentadas ao longo da peça.

A “singeleza” de alguns signos expressos em detalhes do figurino, como os lenços vermelhos utilizados pelas atrizes que interpretam Dora, o afastar de uma cadeira como se fora uma porta, um carro, uma cama etc. misturam-se às atuações vibrantes dos atores e atrizes que, durante todo o tempo, procuram olhares do público como cúmplices de seus atos diante de uma história acontecida no antes e evidenciada num presente brasileiro ainda em perigo e em disputa.

Pedro Guilherme, que além de ator é responsável pela dramaturgia e direção, faz uso da comicidade e da sátira ao apresentar a força policial e truculenta. Pequenos instantes em que a peça mostra ambientes da vida privada são interrompidos pelo arrombar da cena pela dupla de atores que se reveza na função de deboche ao apresentarem os agentes truculentos do Estado. Os atores derrubam os tapumes de madeira e entram em cena em hora errada e anunciam ao público que a truculência tem hora marcada para acontecer e ela acontece em cena, sem apelos dramáticos. Trata-se de uma apresentação histórico-alegórica capaz de promover o espanto.

O tempo histórico é mostrado por meio de um bordado cujas linhas vermelhas são costuradas pelas atrizes que interpretam Dora no sonho, na luta, na tortura e na morte. Por meio de um jogo de narrativas e comentários, certa trajetória configura-se em exemplo histórico de muitas outras, ainda não documentadas. Por meio de tal processo de alegorização é possível ampliar os entendimentos acerca das decisões da personagem movida diante do público por determinações históricas que transformam viagem em fuga, amor em impossibilidade e trilha em fim da linha de quem insistiu até o derradeiro suspiro que bois podem voar, mas pagou o preço por ser adulta, materialista, cujos sonhos abarcam outros coletivos.

Ao final da peça, durante o debate com o público, uma senhora, Dona Conceição sentenciou e alertou: “- Isso é a realidade!”.

Enfim, *[A]Dor[A]* caracteriza-se em uma obra do teatro de grupo paulistano que nos faz abandonar o lugar de onde se vê e assumir o lugar de quem vive e se reconhece na semelhança.